



## **“MENINAS TAMBÉM JOGAM”:** RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A ABORDAGEM DA COPA DO MUNDO FEMININA COMO CONTEÚDO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS

Arthur Douglas da Silva Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este relato busca descrever uma proposta pedagógica inclusiva para as aulas de educação física, com a utilização do conteúdo esportes, com o tema da copa do mundo feminina de futebol 2023. A experiência ocorreu em uma escola pública estadual de Alagoas, de tempo integral, situada na cidade de Arapiraca. A proposta aconteceu para alunos de 13 a 16 anos, de três turmas de 9º ano do ensino fundamental, anos finais. Dividida em 10 encontros, ocorridos na disciplina de oferta eletiva de educação física, a intervenção em forma de projeto recebeu o nome de “Meninas também jogam” e teve como objetivo promover a reflexão acerca da presença da mulher no esporte e a promoção da inclusão das meninas nas aulas de educação física, tendo como tema gerador a copa do mundo de futebol feminino 2023.

**Palavras-chave:** Educação física; Esporte; Escola; Futebol.

### **INTRODUÇÃO**

Desde a inserção da educação física como disciplina obrigatória na escola, ela passa por transformações metodológicas significativas, seja pela necessidade de delimitar seus conteúdos, ou, pelo estudo de novas maneiras de se ensinar educação física na escola (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), menciona as práticas corporais como conteúdo central do componente curricular educação física na escola, o documento aborda, ainda essas práticas como unidades temáticas, são elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginástica, práticas corporais de aventura, dança e as lutas (CALLAI; BECKER; SAWITZKI, 2019).

O esporte sempre foi um conteúdo hegemônico nas aulas de educação física, e, este fato se justifica por aspectos históricos, como a revolução industrial, que tinha como principal país a Inglaterra e que a educação física neste país era baseada nos esportes modernos e que, no Brasil, teve grande força com o governo militar na década de 70 e seu interesse na formação de atletas para representar o país (BETTI, [1999]; SANTOS, 2015). Mais adiante, na década de 80, houve início um movimento de crítica ao modelo predominante de ensino do esporte nas aulas de educação física (KUNZ, 2004). Tais críticas, buscaram conceitualizar o esporte como um fenômeno cultural e que, presente na escola, necessita passar por um processo de escolarização, adoção de elementos metodológicos, surgindo então o esporte da escola, ao invés do esporte na escola (KUNZ, 2004; SADI; COSTA; SACCO, 2008).

---

<sup>1</sup> Professor de educação física, Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (SEDUC-AL). E-mail: adouglas923@gmail.com



Somado a isso, podemos afirmar que, com o surgimento do esporte da escola, há a necessidade de ressignificação deste conteúdo dentro da instituição de ensino, pois, por ser um produto cultural, historicamente produzido, apresenta diferentes significados a depender de onde esteja inserido (BARROSO, 2020). SANTOS (2015) afirma que “[...] em diferentes momentos do seu processo histórico, o fenômeno esportivo foi também ressignificado pelos sujeitos. Ele se transformou, para além da dimensão institucional, um bem cultural da sociedade [...]”.

Ou seja, a problemática se baseia não pela negação do conteúdo esporte na escola, mas sim, de que forma esse conteúdo se manifesta, a maneira correta de tratar pedagogicamente o esporte na escola, e, também, o que é fundamental se ensinar deste fenômeno na escola (BARROSO, 2020).

O Brasil possui uma forte identificação com o futebol, uma forma de jogar única, historicamente construída e que, teve forte influência da mídia (SANTOS, 2015). Essa identificação foi construída, significativamente, durante o século XX, apesar de inicialmente, ser um esporte de elite, logo, popularizou-se e se articulou a aspectos culturais e sociais (GABRIEL; JÚNIOR, 2018). Este é um fato bastante perceptível durante a participação da seleção brasileira em copas do mundo, todas as mudanças que acontecem durante este período de quatro em quatro anos, que, é muito potencializado pela mídia (GABRIEL; JÚNIOR, 2018; HELAL, 2003)

No entanto, desde sua implementação no Brasil, o futebol é um esporte praticado em sua maioria por homens (JANUÁRIO, 2017). Além disso, não só o futebol, mas o esporte em si, historicamente foi associado a masculinidade e a fortaleza, e, a educação física na escola, fortaleceu bastante a ideia do futebol como esporte masculino em suas aulas (FURLAN; SANTOS, 2008). Portanto, o presente relato é de uma experiência pedagógica com o conteúdo futebol nas aulas de educação física, voltado para a reflexão da inserção da mulher no futebol, por meio do evento esportivo copa do mundo de futebol feminino 2023.

## **JUSTIFICATIVA**

“Meninas também jogam” foi o nome escolhido para uma sequência pedagógica abordando a copa do mundo feminina de futebol, como conteúdo de educação física durante um bimestre com as turmas do 9º ano do ensino fundamental, anos finais. A não participação das meninas nas aulas de educação física dessas turmas foi uma problemática levantada pelos próprios alunos, logo no início do ano letivo de 2023. Com isso, as aulas do projeto “Meninas



também jogam” também tiveram como objetivo promover uma maior inclusão das mesmas nas aulas, assim como, demonstrar uma maneira diferente de se trabalhar o conteúdo futebol nas aulas.

## **OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho foi promover a reflexão em torno da presença da mulher no esporte, através do conteúdo lutas e da temática copa do mundo de futebol feminino. Além disso, os alunos deveriam contemplar alguns conhecimentos básicos ao final do projeto: conhecer a história do futebol feminino e analisar criticamente este fenômeno, conhecer a história da copa do mundo de futebol feminino, as seleções vencedoras e as principais jogadoras, bem como cooperação, trabalho em equipe e criatividade.

## **DESENVOLVIMENTO**

Foram desenvolvidas 10 aulas com alunos do ensino fundamental, anos finais, das turmas do 9º ano, com idades entre 13 e 17 anos em um período de dois meses, que se dividiram em aulas teóricas e práticas.

No primeiro encontro, os alunos assistiram na o vídeo “invisible players”, jogadoras invisíveis, uma campanha do canal esportivo ESPN, que buscou conscientizar a sociedade sobre a visibilidade do esporte feminino. No vídeo, aparece alguns lances esportivos, mas que a imagem do atleta não aparecia. No final, algumas pessoas eram entrevistadas sobre quais atletas eram aqueles da imagem, e os entrevistados, em sua maioria, falavam o nome de atletas homens. Após assistir ao vídeo, os alunos foram incentivados a participar de um debate em sala, sobre o porquê que o esporte feminino tem pouca visibilidade em comparação ao esporte para homens.

Na aula seguinte, houve uma aula descritiva sobre a história do futebol feminino, tendo como tema principal a primeira partida de futebol feminino, ocorrida entre as seleções de Inglaterra e Escócia, em 1882, e as primeiras aparições de mulheres jogando bola nos circos, no Brasil. A proibição das mulheres em jogar futebol, como justificativa que é um esporte não adequado a natureza feminina, presente no decreto de lei 3199, artigo 54, em 1941 também foi tema desta aula, fazendo os alunos terem conhecimento do processo histórico do futebol feminino no Brasil. A segunda parte da aula foi um momento de prática na quadra, onde os alunos fizeram brincadeiras envolvendo habilidades do futebol de maneira inclusiva e com princípios do lazer.



As aulas posteriores tiveram como conteúdo as edições da copa do mundo de futebol feminino, as seleções campeãs, e as principais jogadoras de futebol da história. Como maneira de expandir o conhecimento dos alunos a cerca do conteúdo, foi solicitado que, os alunos se dividissem em grupos de até 5 pessoas e, confeccionassem cartazes sobre as principais jogadoras de futebol, demonstrando os seus títulos, as participações em copas do mundo e sua história no futebol. Os cartazes foram confeccionados e deveriam ser colados nas paredes dos corredores da escola.

Como culminância de encerramento do projeto, foi organizado um festival de futebol/futsal com os alunos, intitulado de “Todos podem jogar”. As regras seriam que, cada equipe jogasse com pessoas do sexo masculino e feminino obrigatoriamente, cada equipe deveria criar um nome para identificação, assim como, criar um brasão em forma de desenho em um papel A4. Foi sugerido também que, no dia do festival, cada aluno trouxesse algum pratinho para fazer um lanche coletivo ao final. As equipes jogaram entre si, e, as duas com mais vitória disputaram a partida final, as equipes vencedoras tiveram como prêmio uma caixa de bombom. Alguns alunos não quiseram participar jogando, mas, para não deixarem de participar, fizeram parte das equipes de “imprensa” responsáveis por fotografar o festival e elaborar um relatório final, e equipe de arbitragem para auxiliar o professor.

Após o dia da culminância, em sala, foi proposto uma atividade de registro sobre as impressões dos alunos com relação a proposta do projeto. A atividade foi a elaboração de um texto, respondendo as seguintes perguntas: Qual era minha visão a cerca da prática do futsal e futebol nas aulas de educação física? Mudou alguma coisa após as nossas aulas? O que? O que aprendi com o projeto? Como avalio minha participação no festival? O que eu mudaria? Os textos foram elaborados em folhas de papel A4, debatidos em sala e entregues ao professor.

Através dos textos elaborados pelos alunos, o professor pôde ter clareza que, o objetivo da proposta pedagógica foi alcançado. Vários alunos que não participavam das aulas, puderam participar e expressar que foi muito satisfatório. A cooperação entre eles também foi algo visto como positivo, durante as aulas práticas, a separação entre meninos e meninas não houve, o que levou os alunos a refletirem que, todos podem jogar, inclusive juntos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, podemos concluir que, é de fundamental importância, oferecer aulas na educação física que possa levar os alunos a descobrir sentidos nos conteúdos da educação física, assim como, buscar formas de integrar a todos nas propostas trabalhas, superando problemáticas



e levando o aluno a possuir um senso crítico sobre as práticas corporais e os sentidos adquiridos sobre elas.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, I. C. R. ESPORTE NA ESCOLA: MAS É SÓ ISSO, PROFESSOR? v. 1, [s.d.].
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. 2002.
- CALLAI, A. N. A.; BECKER, E. P.; SAWITZKI, R. L. Considerações acerca da Educação Física escolar a partir da BNCC. **Conexões**, v. 17, p. e019022–e019022, 11 dez. 2019.
- FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. DOS. FUTEBOL FEMININO E AS BARREIRAS DO SEXISMO NAS ESCOLAS: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, n. 30, p. 28–43, 2008.
- GABRIEL, B. J.; JÚNIOR, M. A. DE F. A cobertura produzida pelo caderno de esporte da Folha de São Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na copa do mundo em 2015. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 177–193, 27 jul. 2018.
- HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. [s.d.].
- JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, v. 2, n. 1, p. 28–43, 4 abr. 2017.
- SADI, R. S.; COSTA, J. C.; SACCO, B. T. ENSINO DE ESPORTE POR MEIO DE JOGOS: DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÕES. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 17–26, 14 mar. 2008.
- SANTOS, S. M. DOS. Mídia, esporte e cultura esportiva: um ensaio com a teoria das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 17, p. 175–190, 2015.